



JOANA D'ARC

FOR ELA MESMA

Psicografado pela médium

ERMANÇE DUFAUX

petit[®]

Material com direitos autorais

Joana D'Arc Por Ela Mesma

Copyright by © Petit Editora e Distribuidora Ltda., 2008

1-10-08-5.000

Direção editorial: **Flávio Machado**

Colaboração: **Afonso Moreira Jr.**

Assistente editorial: **Dirce Yukie Yamamoto**

Tradução: **Paulo Machado Afonso**

Chefe de arte: **Marcio da Silva Barreto**

Capa e projeto gráfico: **Ricardo Brito**

Imagens da capa: **Jules Eugène Lenepveu e
Annie Louisa Swynnerton**

Revisão: **Luiz Chamadoira**

Fotolito da capa e impressão: **SERMOGRAF – Artes Gráficas
e Editora Ltda.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Joana, D'Arc, Santa (Espírito).

Joana D'Arc por ela mesma / [psicografia de] Ermance Dufaux ;
tradução Paulo Machado Afonso. – São Paulo : Petit, 2008.

Título original: Jeanne D'Arc par elle-même.

ISBN 978-85-7253-170-2

1. Espiritismo 2. Joana, D'Arc, Santa, 1412-1431 3. Obras
psicografadas I. Dufaux, Ermance. II. Título.

08-08046

CDD: 133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Joana D'Arc : Vida e obra : mensagens psicografadas : Espiritismo 133.93

Direitos autorais reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma
ou por qualquer meio, salvo com autorização da Editora.

(Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.)

Traduções somente com autorização por escrito da Editora.

Impresso no Brasil, na primavera de 2008.

Prezado leitor(a),

Caso encontre neste livro alguma parte que acredita que vai interessar ou mesmo ajudar outras pessoas e decida distribuí-la por meio da internet ou outro meio, nunca deixe de mencionar a fonte, pois assim estará preservando os direitos do autor e conseqüentemente contribuindo para uma ótima divulgação do livro.

SUMÁRIO



<u>Carta dos editores</u>	<u>7</u>
<u>Mensagem de Joana D'Arc</u>	<u>9</u>
<u>Introdução.....</u>	<u>11</u>
<u>Capítulo 1.....</u>	<u>15</u>
<u>Capítulo 2.....</u>	<u>41</u>
<u>Capítulo 3.....</u>	<u>67</u>
<u>Capítulo 4.....</u>	<u>93</u>
<u>Capítulo 5.....</u>	<u>115</u>
<u>Capítulo 6.....</u>	<u>139</u>
<u>Capítulo 7.....</u>	<u>161</u>

Capítulo 8.....	194
Capítulo 9.....	254
Capítulo 10.....	271
Apêndice	285
Sobre Joana D'Arc	298
Linha do tempo	300

CARTA DOS EDITORES



Joana D'Arc, *por ela mesma*, livro psicografado por Ermance Dufaux, é um marco na história do Espiritismo. Publicado em Paris, em 1855 – dois anos antes do lançamento de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec – é obra de inestimável valor histórico, um clássico que resgata a memória daquela que foi a heroína da França, médium que, entre outras percepções, era capaz de profetizar acontecimentos.

Kardec manifesta-se sobre a mediunidade de Joana D'Arc no capítulo “A segunda vista”, de *Obras Póstumas* (Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira): “Os videntes têm sido diversamente considerados, conforme os tempos, os costumes e o grau de civilização. Para os céticos, eles não passam de cérebros desarvorados, de alucinados; as seitas religiosas os arvoraram em profetas, sibilas, oráculos; nos séculos de superstição e ignorância, eram feiticeiros e acabavam nas fogueiras. Para o homem

sensato, que acredita no poder infinito da natureza e na bondade inesgotável do Criador, a dupla vista é uma faculdade inerente à espécie humana, por meio da qual Deus nos revela a existência da nossa essência espiritual. Quem não reconheceria um dom dessa natureza em Joana D'Arc e em toda uma multidão de outras personagens que a história qualifica de inspiradas?”.

Foi por intermédio da médium Ermance Dufaux, ainda no período de sua juventude, que Joana manifestou-se. Sobre a qualificação de Ermance, Kardec assinala na *Revista Espírita* (Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira), de 1858: “Embora a faculdade da senhorita Dufaux se preste à evocação de qualquer espírito, de que nós mesmos tivemos provas nas comunicações pessoais que ela nos transmitiu, sua especialidade é a História. Do mesmo modo ela escreveu a de Luís XI e a de Carlos VIII, que serão publicadas como a de Joana D'Arc”. Sobre a idoneidade de Ermance, Kardec ressalta nesse mesmo artigo: “Como todos os médiuns favorecidos pelos bons espíritos, somente recebeu comunicações de ordem elevada”.

É nossa intenção, com a publicação de *Joana D'Arc por ela mesma* – a qual nos preocupamos em traduzir em linguagem atual, porém fiel ao estilo da autora espiritual –, popularizar a obra inesquecível daquela que foi, sem sombra de dúvida, uma emissária da divina providência entre nós. Nela vislumbramos mensagem de grande alcance espiritual, capaz de incentivar a fé em Deus e a resignação diante dos fatos que não estão ao nosso alcance modificar.

OS EDITORES

MENSAGEM DE JOANA D'ARC¹



Deus encarregou-me de cumprir uma missão junto aos crentes que favoreceu com o mediunato. Quanto mais recebem graças do Altíssimo, mais correm perigos, e esses perigos são bem maiores porque têm origem nos próprios favores que Deus lhes concede. As faculdades das quais desfrutam os médiuns lhes atraem os elogios dos homens; as felicitações, as adulações: eis a pedra de tropeço. Esses mesmos médiuns que deveriam sempre ter presente na memória sua incapacidade primitiva a esquecem; eles fazem mais: o que devem a Deus atribuem a seu próprio mérito. O que acontece então? Os bons espíritos os abandonam; tornam-se joguete dos maus e não têm mais a bússola para se guiarem; quanto mais se tornam

1. Mensagem extraída de *O Livro dos Médiuns* (São Paulo: Petit Editora), de Allan Kardec, Capítulo 31, item 12. (Nota do Editor)

capazes, mais são impelidos a atribuírem a si um mérito que não lhes pertence, até que, por enfim, Deus os pune, retirando-lhes uma faculdade que não pode mais do que lhes ser fatal.

Nunca seria demais lembrar de recomendardes ao vosso anjo guardião para que ele vos ajude a sempre estardes em guarda contra vosso inimigo mais cruel, que é o orgulho. Lembrai-vos bem, vós que tendes a felicidade de serdes os intérpretes entre os Espíritos e os homens, que sem o apoio de nosso Divino Mestre, sereis punidos mais severamente, porque fostes mais favorecidos.

Espero que esta comunicação produza seus frutos, e espero que ela possa ajudar os médiuns a se colocar em guarda contra os perigos onde viriam se destruir; esse perigo, eu vos disse, é o orgulho.

INTRODUÇÃO



Filha de um simples trabalhador, minha vida deveria ter sido calma e pacífica, como o riacho desconhecido que corre sobre a relva; mas não foi assim: Deus não o quis. Não foi a ambição, mas as ordens imperiosas dos Céus que me fizeram sair de minha humilde condição. Aos meus olhos, as flores dos campos eram mil vezes mais belas que as pedrarias dos reis; e eu considerava a glória como uma tocha acesa, da qual a borboleta não ousa se aproximar.

Eu não me orgulho da minha missão, considero-a como uma gota de orvalho que chega por acaso a um broto de grama, que logo a deixará cair, para secar-se como outros brotos. Assim que essa carreira se abriu para mim, surgiram mil obstáculos para me desencorajar: duvidei então dos Céus e de mim mesma, mas Deus não me abandonou e novas aparições vieram

me tranquilizar: Ele queria apenas me mostrar que, sem ele, eu não podia nada; que eu era como as rodas que fazem a carruagem andar, mas que são inúteis se uma força externa não lhes conceder movimento. Eu queria expulsar de minha alma o orgulho que dela teria se apoderado, indubitavelmente, se Sua prudente solicitude não tivesse me revelado minha fraqueza. Ver minha pátria livre dos grilhões vergonhosos que a mantinham cativa era o sonho mais doce de minha jovem vida; uma vaga tradição da minha terra natal dizia que uma mulher o realizaria e o Todo-Poderoso, por milagre, informou-me que essa mulher seria eu!... Eu, a donzela humilde de Domrémy!...² Que ser pode ser tão perfeito que não sinta, com essa idéia, a alma tremer de orgulho? A revelação me aniquilou; o demônio me atacou; Deus o venceu por mim.

Esperava encontrar uma estrada larga e fácil, que me levaria ao objetivo, em meio a milhares de flores: mas, que pena! Rochedos e precipícios me barravam a passagem a cada passo. Todos os meus esforços, todas as minhas tentativas resultavam inúteis: Deus, então, tomou-me pela mão; Ele me fez escalar os primeiros e atravessar os segundos. Reconheci minha impotência e aprendi a esperar tudo Dele, apenas Dele. Eu encontrava espinhos onde esperava encontrar flores; eles me eram dolorosos, mas afastavam meus passos do abismo que me ladeava. O vento sempre me dobrava, quando eu pensava que era forte para enfrentá-lo; mas a mão que colocara no meio da tempestade não me deixava quebrar.

2. Hoje Domrémy-la-Pucelle. (Nota da Edição Francesa)



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

CAPÍTULO 1



Vim à luz em Domrémy, um vilarejo pobre perto de Vaucouleurs, como filha de Jacques D'Arc e Isabeau Daix, sua mulher. Minha mãe era conhecida em Domrémy somente pelo nome de Romée, eis por quê: Jean Romée era um honesto trabalhador de Domrémy. Certo dia foi colher ramagens na floresta de Chesnu e encontrou uma garotinha abandonada, com cerca de seis anos. Ouviu, com alguma dificuldade, que ela se chamava Isabeau Daix e que os borgonheses a haviam expulsado do vilarejo de Macey, depois de terem massacrado seus pais, que eram armanhaques. Comovido com a sorte daquela criança e sem conseguir abandoná-la, já que os Céus a confiavam a ele de forma tão evidente, levou-a para a casa e a criou como se fosse sua filha, apesar de já ter duas filhas: Jeanne e Ameline. Quando ela estava na idade de se casar, ele a casou com meu pai, que se estabelecera



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

VI havia, há alguns anos, chegado ao fim de sua infeliz existência; a situação da França estava ainda mais desesperada e a derrota de seu desafortunado reino parecia inevitável; pois, a cada dia, a cada hora, os ingleses obtinham novas vitórias sobre os desencorajados franceses. O único remédio para esses males seria a reinstauração de Carlos VII, que os inimigos chamavam de rei de Bourges. Então, obedeci às ordens dos santos, que me haviam dito para revelar a próxima libertação da França; meu pai, ouvindo-me falar assim, severamente impôs-me o silêncio; minha irmã, Isabeau, que também ouvira aquilo, ela mesma apoiou-me arduamente. Como já era tarde, fomos dormir, todos sonhadores.

Alguns meses mais tarde, enquanto tomava conta dos animais, ouvi uma voz que me chamava pelo nome; mais uma vez, revi São Miguel, Santa Margarida e Santa Catarina. Desta vez me disseram que a jovem de quem haviam falado seria eu. Desapareceram em seguida, deixando-me imóvel e sem saber o que pensar sobre uma revelação tão inesperada. Fui embora resolvida a contar tudo a meu pai, para lhe pedir conselhos. Como da vez anterior, ele ficou incrédulo; mas uma voz disse de repente:

– *Tu deves acreditar no que Joana diz, pois é verdade.*

Um de meus tios, chamado Raymond Durand, dito Laxart, cunhado de minha mãe, quando soube disso, disse que era preciso deixar a Providência agir; que ela não poderia deixar de fazer o bem.

Havia em Domrémy um trabalhador chamado Conradim de Spinal. Era o único borgonhês que havia no meu vilarejo.

Sentia uma forte antipatia por ele⁴, apesar disso, consegui batizar uma criança junto com ele; o que, na época, estabelecia uma espécie de parentesco entre o padrinho e a madrinha.

Os habitantes de Domrémy só conheciam os malefícios da guerra por ouvir dizer; mas logo soubemos que os borgoñeses assolavam os arredores e estavam avançando sobre nosso vilarejo; todos os habitantes fugiram, levando seus rebanhos e bens mais preciosos e foram se refugiar em Neufchâtel⁵, na Lorena. Minha família e eu nos abrigamos na casa de uma boa mulher. Eu e Isabeau levávamos os animais de meu pai para os campos; no resto do tempo, ajudávamos nossa boa hospedeira nos trabalhos domésticos, juntamente com minha mãe. Quando regressamos a Domrémy, um triste quadro nos aguardava: a igreja fora destruída pelo fogo; as plantações de trigo e grãos estavam devastadas; as árvores frutíferas, cortadas ou derrubadas; as vinhas, arrancadas e as casas, pilhadas; em uma palavra, parecia que uma torrente devastadora havia passado pela povoação, até aquele dia tão calma e pacífica. Foi com um aperto no coração que revi os lugares queridos, tão alegres alguns dias antes. A devastação era ainda maior no recinto sagrado: os altares tinham sido profanados, as estátuas dos santos e os crucifixos, quebrados ou cobertos de imundícies; as imagens sagradas, diante das quais eu tantas vezes acendera círios

4. Acusaram-me de ter dito, várias vezes, que gostaria que ele tivesse a cabeça cortada; esse desejo era demasiadamente incompatível com a minha devoção para que jamais o tivesse formulado; eu só disse, muitas vezes, que gostaria que Conradim mudasse de opinião. (Nota da Autora Espiritual)

5. Hoje Neufchâteau. (N.A.E.)

ou depositara flores, tinham sido destruídas pelas chamas; as paredes, enegrecidas pela fumaça do incêndio, pareciam revestidas com uma mortalha de luto e desolação; um silêncio lúgubre reinava em toda parte; onde antes se ouviam os cantos das mulheres e das meninas, os mugidos das reses, os cacarejos das galinhas e barulhos de trabalho. Como foram ardorosas as minhas preces, nesse dia, e como supliquei a Deus que me tirasse toda a felicidade e todos os meus anos de vida para livrar minha pátria dessas calamidades! Quando meu pai e meus irmãos retornaram dos campos, trouxeram a triste certeza de que nossas colheitas estavam perdidas e que todos os horrores da miséria reinariam onde quinze dias antes só havia abundância e prosperidade. O coração humano é uma coisa muito triste! Não satisfeitos com os males que nos atormentavam, cada um de nós tentava, com uma espécie de prazer, levantar o véu do futuro para procurar um novo motivo para alarmes, como se Deus não estivesse sempre lá para tudo prover.

Quando eu ainda estava em Neufchâtel, um jovem de Toul, que estava na cidade a negócios, avistou-me enquanto rezava na igreja; tocado por minha beleza e devoção, teve a idéia de me tomar como esposa. Colheu então informações a meu respeito e a respeito de minha família, que fortaleceram ainda mais sua resolução. Quando regressamos a Domrémy, ele pediu minha mão a meu pai, que a concedeu sem dificuldade. Ele era um jovem de bem, sob todos os aspectos, e possuía uma situação financeira razoável. Meu pai não sabia ao certo o que pensar sobre minhas visões. Um sonho que tivera, no qual me via partir com cavaleiros, fazia-o desejar ardentemente que eu

me casasse, apesar da minha pouca idade. Como sempre lhe obedecera, assim como à minha mãe, com cega submissão, ele acreditou que eu concordaria sem problema com o que se esperava de mim; ficou, portanto, tão surpreso quanto furioso, quando respondi, simples mas firmemente, que não queria me casar. Ele ameaçou me bater e me trancou em um quarto, para que eu refletisse. No dia seguinte, repeti a mesma coisa; ele recorreu, então, a um método que julgou eficaz: fez o pretendente me intimar perante o juiz, o que realmente foi feito. Mas quando soube que fora intimada a comparecer, declarei diante de meu pai e do jovem que, se eu algum dia me casasse, não seria com ele, e que preferia trabalhar na terra com meus tios do que ser mulher dele. Meu pai, minha mãe, minha família, meus amigos, todos intervieram para me fazer mudar de opinião; seus pedidos insistentes me irritavam, mas reforçaram ainda mais a minha resolução. Assim que parti para Toul, meu pai me disse que, já que era tão teimosa, que eu resolvesse a situação como pudesse; estava decidido a não me ajudar em nada. Diante do juiz, jurei dizer a verdade e declarei que não fizera nenhuma promessa ao jovem; este, obstinadamente, alegou o contrário.

– Está bem! Então – disse eu – mostre suas provas.

Como não tinha nenhuma, ele ficou bastante embaraçado; admitiu então que eu jamais fizera qualquer promessa de casamento e que, se ele dissera o contrário, fora para me coagir a desposá-lo.

Durante muitos anos, as visões que eu tinha não transpuseram o habitual círculo de amigos. Certo dia, as vozes me disseram:

– *Joana, vai te encontrar com o senhor de Baudricourt, comandante de nobres, para seres conduzida ao rei, que te dará, por sua vez, os cavaleiros necessários para levantar o cerco de Orléans; em seguida, tu conduzirás o rei a Reims, para que seja feita sua sacração. Encontrarás em Sainte-Catherine-de-Fierbois, no túmulo de um valente cavaleiro, atrás do altar-mor, uma espada em cuja lâmina há cinco cruces. Nós te revelamos o que acabamos de dizer, e o que te dissemos antes, por ordem de Deus e de São Luís, protetor da França.*

Eu perguntei aos santos se devia contar isso aos meus pais; eles responderam que eu fizesse o que achasse melhor, mas que não me aconselhavam a fazê-lo, por temor de que meus pais colocassem obstáculos à minha viagem. Era o que eu pensava também; a incredulidade de meu pai, a respeito das vozes que eu ouvia, não me encorajava a lhe confiar o que elas me disseram antes de partir; não ousei falar sobre o assunto nem mesmo com minha mãe e com meus irmãos; mas contei tudo à minha irmã, Isabeau. As vozes não paravam de me pressionar a partir; eu não podia mais continuar onde estava. Havia mais de um mês que eu procurava, inutilmente, uma oportunidade para ir a Vaucouleurs sem o conhecimento de meus pais, quando meu tio, Durand, que morava em Petit-Burey, vilarejo entre Domrémy e Vaucouleurs, veio passar alguns dias em nossa casa. Eu tinha muita confiança nele; e, aliás, ele tinha declarado formalmente ao meu pai que acreditava na minha missão celeste. Contei-lhe o que as vozes me haviam dito, pedindo-lhe que me fornecesse os meios para realizar a viagem. Ele prometeu ir até a casa do senhor Robert de Baudricourt e



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

santos o que deveria fazer para convencê-lo; eles responderam que eu deveria lhe dizer que os franceses haviam acabado de sofrer uma derrota diante de Orléans, a qual ficaria conhecida, na história, com o nome de Batalha dos Arenques. O comandante, espantado com minha segurança ao predizer esse revés, disse que mais tarde mandaria me chamar. Pouco tempo depois, comprovou-se a veracidade do que eu havia dito. A partir de então, ele não teve mais como se recusar a me enviar ao rei. Mandou então que me armassem dos pés à cabeça, fornecendo-me um cavalo e dois guardiões, dois nobres de Champagne, chamados Jean de Metz e Bertrand de Poulenguy, que só consentiram em me acompanhar após oporem muitas objeções, pois o caminho estava tomado pelos ingleses. Além desses dois nobres, mais cinco pessoas compunham nossa escolta: meu irmão Pierre; Collet de Vienne; um arqueiro chamado Richard; e dois valetes, Jean de Honnecourt e Julien. A realização do que eu havia prenunciado fez com que fosse olhada, em todos os lugares, mesmo em meu vilarejo, como uma profetisa inspirada por Deus; portanto, para vencer a resistência deles, bastou que eu promettesse que não encontraríamos nenhum obstáculo sério.

Pusemo-nos em marcha com destino a Chinon, na época residência do rei. Como dissera, não encontramos nenhum obstáculo. Durante o percurso, dormimos nas igrejas, refúgios nem sempre invioláveis, infelizmente, dos desafortunados camponeses cujos humildes casebres haviam sido queimados. Passamos também por Sainte-Catherine-de-Fierbois, onde permanecemos durante três dias. Escrevi a Carlos VII para informá-lo sobre



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

dos homens sábios e esclarecidos da França. Não pude deixar de lhe dizer:

– Vou ter muito trabalho; mas, com a ajuda de Deus, que me conduziu até aqui, espero triunfar sobre todos os obstáculos que eles levantarão.

Em Poitiers, fiquei na casa de um homem chamado Jean Rabateau, cuja mulher foi encarregada de cuidar de mim.

A partir do dia seguinte, diversos doutores em teologia e de bacharéis vieram me visitar; quando os vi, sentei-me em um banco e lhes perguntei o que queriam. Um deles me respondeu que vinham, da parte do rei, para verificar se deveriam ter fé em minhas palavras e para me provar, com boas razões, que não se devia acreditar em mim. Começaram, então, a me fazer as mais embaraçosas perguntas sobre religião que conseguiram encontrar; mas, com a ajuda de Deus e dos santos, eu lhes respondi tão bem que os calei. Retiraram-se perguntando como podia uma jovem da minha idade responder a questões que teriam embaraçado os mais esclarecidos entre eles?

No dia seguinte, dois doutores em teologia, um carmelita e um dominicano, vieram me visitar. O carmelita me disse em tom azedo:

– Joana, você deve saber muito bem que as Santas Escrituras proíbem que se acredite em tais absurdos, quando não são acompanhados de sinais.

Eu lhe respondi sem me perturbar:

– Eu não quero desafiar Deus; o sinal que vou dar da veracidade do que eu digo será levantar o cerco de Orléans e levar o delfim a Reims, para que ele seja sagrado rei.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

conceder paz, se vocês lhe derem razão; se ao contrário você, rei da Inglaterra, recusar-se a se retirar do reino, saiba que ela combaterá seus súditos onde quer que estejam. Se houver alguns, entre eles, que peçam para retornar a seu país, ela os deixará passar, sem lhes fazer nenhum mal. Fique ciente de que a Donzela foi enviada pelo rei dos reis para expulsá-lo do reino da França, assim como sua gente, e que os seguidores dela farão uma carnificina entre os ingleses, como jamais se viu antes. Mas ela pede que você tenha piedade de si mesmo e de sua gente e não se faça matar; pode acreditar que Deus a protege e aos seus seguidores; que Ele dará mais força a eles do que você jamais teria, nem com todas as tropas do mundo. Quanto a vocês, soldados ingleses, que estão diante de Orléans, ela pede que, em nome de Deus, voltem para seu país; se não obedecerem, temam a cólera de Deus e os males que cairão sobre vocês pela desobediência às Suas ordens. Tenham certeza de que o reino da França não lhes pertence; pertence somente a Carlos, delfim de Viennois, filho único do falecido rei Carlos VI, de saudosa memória, herdeiro legítimo da coroa da França, que recebeu do rei dos Céus; saibam que logo ele entrará triunfante em Paris. Se vocês não escutarem o que diz a Donzela, em nome de Deus, lembrem-se de que, em qualquer lugar onde nós os encontrarmos, faremos com que se arrependam de sua teimosia e lhes mostraremos quem tem razão, se Carlos ou vocês. Joana, a Donzela, ordena a vocês, Guillaume de La Poule, conde de Suffolk, Jean, senhor de Talbot e Thomas, senhor de Scales, lugar-tenente do duque de Bedford, pretense regente da França, nomeado por



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ignorado minha opinião, quando eu quisera passar pela Beause. Gamaches, atingido por minhas considerações e, sobretudo, por ver que minhas opiniões iriam prevalecer sobre as dele, queixou-se veementemente.

– Cavalheiros – disse ele em tom amargo –, já que preferem ouvir uma pirralha de baixa extração em vez de um nobre cavaleiro como eu, não direi mais nada; minha espada falará por mim quando for a hora e a vez. Vou ser morto, talvez, mas quero isso, pelo meu rei e minha honra; vou desfazer aqui meu estandarte, agora não sou mais do que um pobre cavaliço, que prefere servir a um nobre guerreiro a uma mulher que ninguém sabe o que foi.

Dizendo essas palavras, dobrou seu estandarte e o entregou ao Bastardo de Orléans, que estava muito acabrunhado com a discórdia ocorrida entre os chefes militares e eu. Todos os bons franceses que lá estavam intervieram para nos reconciliar. Conseguiram fazer com que nos abraçássemos, embora o gesto tenha sido superficial e contra a vontade. Concordamos, mais ou menos, em que iríamos aguardar o exército, mas alguns chefes importantes iriam a Blois para apressar sua chegada. Fiquei furiosa com essa decisão, mas tive que me resignar.

Os ingleses, violando o direito de guerra, haviam prendido Guyenne e o colocaram a ferros. Guyenne, como já disse, era o arauto que eu enviara, de Blois, com a carta ditada por mim. Em 30 de abril, dia seguinte à minha chegada, com o concordância do conde de Dunois, comandante de Orléans, enviei um homem para tentar sua libertação; era Ambleville, meu segundo emissário. O Bastardo lhe cedeu um de seus emissários,



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

esse caminho, que era defendido pela maior fortaleza que os ingleses tinham na região, cujo nome era Londres. O comboio chegou a Orléans no dia 3 de maio, à noite, sem ter enfrentado nenhum obstáculo. No entanto, apesar de saber que os ingleses não iriam se mexer, fui ao encontro do comboio, com o conde de Dunois e algumas tropas. Várias palavras que escaparam do conde me fizeram suspeitar que estavam me escondendo alguma coisa importante; achei que fosse o momento em que chegaria Fastol, o chefe inglês que traria reforços aos sitiados. Enfaticamente, eu disse ao Bastardo:

– Bastardo, em nome de Deus lhe recomendo que me diga o momento exato da chegada de Fastol; se ele passar sem que eu saiba, mandarei cortar sua cabeça.

Esta ameaça, que eu não teria executado, era necessária para controlar a insubordinação dos chefes que agiam conforme seus caprichos, comprometendo freqüentemente os interesses do rei e da França. Como resultado, impus-me ao Bastardo e aos comandantes, que passaram a ter mais deferência por mim.

No dia seguinte, os capitães que haviam chegado no dia 3 fizeram uma incursão sem me avisar. Atacaram a fortaleza de Saint-Loup, que o senhor de Talbot guarnecera bem, com soldados e víveres, e que era extremamente fortificada. Exausta pelos desgastes do dia anterior, eu dormia naquele momento. Santa Catarina me acordou e me disse:

– *Joana, arme-se rápido e vá ao forte de Saint-Loup, que os franceses atacaram fora de hora; eles agora estão sofrendo o castigo de sua imprudência; alguns já foram feridos de morte; vá em seu socorro e você os trará de volta triunfantes.*



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

desejava, há muito tempo, intimá-los, eu mesma, a levantar o cerco de Orléans e a voltar para casa; eles não responderam às minhas palavras, senão com as injúrias mais grosseiras, que me fizeram derramar muitas lágrimas, mas que aumentaram ainda mais minha coragem.

Na sexta-feira, 6 de maio, passei pelo Loire à frente de quatrocentos franceses, bem diante de Glacidas, que comandava o forte das Tourelles. Esta fortaleza era defendida por quinhentos homens, a elite das tropas inglesas. Ele logo retirou as tropas que abasteciam o forte de Saint-Jean-le-Blanc para aumentar a guarnição que defendia a fortaleza dos Augustins. De modo a evitar que voltassem para lá, mandei incendiar Saint-Jean-le-Blanc.

Embora a maioria dos meus homens ainda não tivesse cruzado o rio, marchei direto para o forte dos Augustins e, com a ajuda dos que me acompanhavam, consegui fincar meu estandarte nessa fortaleza. Os ingleses do forte soltaram um grito que foi escutado pelos que estavam na fortaleza de Saint-Prive e estes saíram em grande número para socorrê-los. Os inimigos provenientes de Saint-Prive soltaram um grito para alertar os companheiros dos Augustins de sua chegada. Meus homens, assustados com o grito, logo fugiram. Forçada a segui-los, segui na retaguarda; vendo que abandonávamos o ataque, os ingleses saíram em grande número para nos perseguir, o que fizeram soltando grandes gritos e me cobrindo de injúrias de todos os tipos. De repente, fiz meia-volta, com alguns dos meus homens, os mais corajosos de minha tropa, e ataquei os inimigos vigorosamente. Espantados ao ver que eu retornava sobre meus passos, eles fugiram. Consegui, finalmente, reunir todos os meus franceses,



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

foram mortos e duzentos, feitos prisioneiros. Essa importante conquista terminou de liberar a passagem da Sologne e levou consternação ao coração dos ingleses. Conquistadora das Tourelles, fiz com que incendiassem a fortaleza e com que a ponte fosse logo consertada, para que o Loire pudesse ser transposto com mais facilidade. Reentramos triunfantes em Orléans às seis horas da tarde. Não se pode imaginar a alegria dos habitantes da cidade; vieram em multidão até meu palacete, cobrindo-me de agradecimentos e de ações de graça.

Assim que cheguei, tirei a armadura e fiz um curativo no meu ferimento, que felizmente não era perigoso, embora sério. Tomei apenas um pouco de vinho e fui me deitar, depois de mandar retirar do Loire o corpo de Glacidas, o inglês que mais me havia ofendido, entregando-o aos meus compatriotas.

Durante a noite do dia 7 para o dia 8, os ingleses organizaram uma grande conferência, para deliberar se deveriam ficar ou levantar o cerco; esta última opinião prevaleceu. No dia seguinte, domingo, 8 de maio, retiraram-se de sua praça-forte, com os prisioneiros que tinham feito, e se alinharam em formação de batalha no lado da Beauce. Com a concordância do Bastardo de Orléans, dos comandantes e dos chefes militares, fiz sair nossas tropas e as alinhei na mesma posição que as tropas inglesas. Estas não esperaram que atacássemos; fugiram precipitadamente, uma parte na direção de Jargeau e o restante em direção a Meung-sur-Loire, abandonando os doentes, os víveres, a artilharia etc. Os chefes militares queriam persegui-los. Mas eu tinha horror a derramar sangue humano inutilmente, o que me fez proibir a perseguição e dar



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Dirigimo-nos então a Jargeau, por cuja tomada deveria começar a campanha. Chegamos no sábado, dia 22 de maio de 1429, em torno de uma hora da manhã, e começamos imediatamente o cerco. Vieram ao nosso encontro o conde de Dunois, o senhor de Boussac, marechal da França, o senhor de Graville, chefe dos besteiros, o senhor de Culant, almirante da França, Ambroise, senhor de Lore, Etienne de Vignolles, dito La Hire, Gauthier de La Boussac e muitos outros comandantes. Havia na cidade de setecentos a oitocentos ingleses, sob as ordens de Guillaume de La Poule⁷, conde de Suffolk, e de seus dois irmãos: Jean e Alexandre. Oito dias se passaram em ferozes conflitos, que não resultaram em nada. Mas, durante eles, ocorreu um episódio que aumentou muito minha reputação.

Certo dia, o duque de Alençon estava diante da cidade, dando suas ordens; cheguei às pressas e lhe disse:

– Duque de Alençon, retire-se do lugar onde está; aquela máquina (apontei para uma catapulta) vai matar o senhor.

– Não se pode recusar nada para a senhorita – disse ele, rindo. – Está bem! É preciso obedecer à senhorita.

Mal havia se afastado, uma bola de ferro feriu de morte um nobre de Anjou, que estava no mesmo lugar em que ele estivera fazia pouco. Quando soube da morte do outro, o duque jurou que prestaria atenção em meus conselhos, todas as vezes que dissessem respeito a ele.

7. O verdadeiro nome desse cavaleiro era Poole, embora o chamássemos sempre de “*la Poule*”, “a galinha”, em francês. (N.A.E.)

Havia no lugar uma espécie de gigante, chamado Guillaume, o Inglês, que aterrorizava os meus franceses, aos quais massacrava terrivelmente. Ordenei a um homem, chamado Jean, o canhoneiro, que atirasse nele. Jean respondeu:

– Tenho feito isso até agora, mas é inútil; ele é invulnerável.

Era também a opinião das tropas.

– Eu sei – disse eu. – Mas dessa vez você vai conseguir.

De fato, a cabeça do terrível gigante rolou aos pés do conde de Suffolk, que estava incitando seus homens.

Pedi então ao duque, que estava perto de mim, para chamar de volta La Hire, que tentava parlamentar com o comandante da cidade. Assim que a ordem foi executada, eu lhe disse:

– Avante, duque de Alençon! Vamos todos atacar!

As baterias, assestadas havia vários dias, tinham feito uma abertura bastante praticável na muralha. Entrei por ela e logo consegui fincar meu estandarte; mas os inimigos me cobriram de projéteis, sendo que um deles rasgou a bandeira, partiu meu elmo em pedaços e me jogou dentro do fosso; no mesmo instante, diversos cavaleiros fizeram uma parede com seus corpos e me ajudaram a levantar. Em seguida, diante dos ingleses consternados, reapareci na abertura; a violência do golpe lhes tinha dado esperanças de que eu não os atormentaria mais neste mundo. Gritei para meus homens:

– Coragem, companheiros, a cidade é nossa!

De fato, logo a dominamos. Havia, no lugar, mil e duzentos ingleses, dos quais oitocentos foram mortos, inclusive

Alexandre de La Poule, o mais jovem dos irmãos de Suffolk; quatrocentos foram feitos prisioneiros, entre eles Guillaume e Jean de La Poule. Assim tomamos Jargeau, no dia 30 de maio. A cidade foi saqueada e a igreja, que abrigava riquezas imensas, teve o mesmo destino.

Pusemo-nos em marcha imediatamente, com destino a Orléans. Esquecendo a generosidade, os franceses massacraram todos os prisioneiros durante o caminho. Foi com dificuldade que o duque de Alençon e eu conseguimos salvar a vida do conde de Suffolk e de outros nobres. Ficamos em Orléans por alguns dias, durante os quais enviamos mensageiros para informar ao rei sobre nossa conquista. Os senhores de Rais, de Chauvigny, de Laval e muitos outros nos trouxeram reforços.

Nesse meio tempo, Arthur de Richemont, condestável da França, irmão do duque da Bretanha, entediado pela inação em que vivia há algum tempo em Parthenay, chegou em Blois com mil e duzentos homens para oferecer seus serviços ao rei, que, influenciado por La Trémoille, inimigo do condestável, recusou a ajuda e lhes ordenou que se retirassem.

Durante nossa estada em Orléans, mandamos construir máquinas apropriadas para a realização dos cercos das cidades de Meung e Beaugency. Os senhores de Scales e de Talbot, que estavam nesta última, avisados de nossos preparativos, convocaram homens de todos os lugares para reforçar as guarnições de ambas as cidades. Os ingleses de La Ferté-Hubert receberam ordens de vir para Beaugency. Ao se retirarem, incendiaram o castelo, do qual, porém, nossos homens conseguiram salvar uma parte. Uma contra-ordem os fez ir ao encontro de Fastol,

que deveria deixar Paris naquele mesmo dia, em um comboio escoltado por grande número de ingleses.

Na quarta-feira, 15 de junho, parti de Orléans acompanhada pelo duque de Alençon, comandante-geral do exército do rei, por alguns grandes senhores, barões e nobres, assim como por um grande número de homens a pé. Fomos até Beaugency. Paramos na ponte de Meung, que os ingleses haviam colocado em condições de se defender com eficiência; entretanto, tomamos a ponte, após um combate que durou menos de um dia, e lá montamos uma boa guarnição.

No dia seguinte, fomos a Beaugency, que os senhores de Scales e de Talbot haviam acabado de abandonar, retirando-se para Yenville, onde Fastol, amedrontado com a tomada de Jargeau, foi encontrá-los, depois de ter deixado em Etampes o comboio que conduzia. Ao nos ver, os ingleses abandonaram a cidade de Beaugency, para se refugiar no castelo e na ponte. Imediatamente, tomamos posse da cidade, e em seguida montamos os cercos do castelo e da ponte, pelo lado de Beauce.

No dia seguinte à nossa chegada a Beaugency, o conde de Richemont veio nos encontrar, acompanhado de nobres importantes, entre os quais notei Jacques de Dinan, irmão do senhor de Châteaubriand, o senhor de Beaumont e o conde de Perdriac. O rei, sabendo que o condestável, apesar de suas ordens, continuava a avançar, proibiu o duque de Alençon de recebê-lo, o que nos colocou, tanto ele quanto eu, em um grande embaraço. A respeito do conde, corriam velados rumores de traição, dos quais La Trémoille se servira habilmente junto ao rei. Alguns dentre nós, como La Hire e o Bastardo de Orléans,

entre outros, queriam utilizar seus serviços; outros, em maior número, pretendiam obedecer ao rei. Eu estava no primeiro grupo, mas tudo indicava que o segundo grupo, em maioria, iria levar a melhor. De comum acordo com o duque, cuja opinião eu conseguira mudar, decidi recebê-lo; eu temia as consequências funestas que a divisão nos acarretaria. Os murmúrios que irromperam em toda parte me fizeram reunir todos os comandantes, que se renderam às minhas razões e prometeram fazer a mediação entre o rei e o conde. Este último sacrificou um pouco de seu orgulho e o rei, diante de nossa insistência e apesar da oposição de La Trémoille, consentiu em utilizar os serviços de Richemont, que juntou suas tropas às nossas. O condestável me abordou e disse:

– Joana, dizem que você pretende se opor a mim; eu não sei quem você é, nem por quem você foi enviada, se por Deus ou pelo diabo; se foi por Deus, eu não a temo; pois Ele conhece minhas intenções, assim como as suas; se foi pelo diabo, eu a temo menos ainda.

Eu lhe garanti que estava do lado dele, enquanto ele fosse fiel ao rei. Ficou combinado que o condestável montaria o cerco do lado da Sologne. Mas no dia seguinte, sexta-feira 17 de junho, o bailio de Evreux, que era de Beaugency, pediu para falar comigo: era para discutir um tratado. Logo fiz o conselho se reunir e, ao meio-dia, o tratado foi assinado. Os principais artigos eram os seguintes: entregariam a mim o castelo e a ponte; teriam a vida poupada; partiriam no dia seguinte, ao nascer do sol, deixando no castelo os cavalos, os víveres, as vestimentas etc.; cada um só poderia levar objetos no valor de



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

para mulher (eu só tinha uma de homem), um elmo ornado com seis plumas brancas, uma echarpe combinando com o vestido e um magnífico cavalo branco, coberto de veludo azul-celeste bordado com flores-de-lis douradas. O efeito que eu produzia foi descrito nesta passagem de uma carta do duque de Alençon ao rei⁸:

...Quanto à nossa bela inspiradora, Vossa Majestade não pode imaginar a admiração que ela despertou em todos os lugares durante nossa passagem. A jovem vestia o rico vestido com que Vossa Majestade a presenteou; seus cabelos castanhos tombavam em grandes cachos sobre seus ombros; nosso sol de primavera, raramente galante, não ousou porém macular o frescor de seu rosto encantador; a armadura mal escondia seu corpo elegante e flexível. Ela trazia nas mãos o estandarte que, freqüentemente, fez aumentar nossa coragem e nos guiou no caminho da glória. As plumas brancas de seu elmo e sua grande cabeleira, docemente agitadas pelo vento, pareciam formar um penacho glorioso. Quando a vi tão bela, tão graciosa, quando seu doce olhar se deteve em mim, uma perturbação desconhecida penetrou em minha alma; fiquei imóvel no lugar; até me esqueci de lhe oferecer a mão para ajudá-la a montar em seu corcel. O que há com o senhor, duque de Alençon? – perguntou-me ela, lançando-me um olhar zombeteiro. Eu não respondi e logo me alinhei ao seu

8. Somente após grande insistência de nossa parte, ela nos fez a descrição de sua indumentária e de sua beleza. (Nota da Médium)



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

CAPÍTULO 3



Auxerre se recusou a abrir os portões ao rei. Foi realizada, então, mais uma daquelas inoportunas conferências. La Trémoille e eu achávamos que não deveríamos sitiar o lugar, que pertencia ao duque de Borgonha, temendo, talvez sem razão, que a operação o irritasse e aumentasse ainda mais seus vínculos com os ingleses. Todos os comandantes e senhores, muito descontentes com a conduta de La Trémoille em relação ao condestável, viram nossa opinião prevalecer com enorme contrariedade. Contentamo-nos com os mantimentos doados por Auxerre, que, embora em pouca quantidade, ajudaram-nos bastante. Auxerre, além disso, prometeu seguir o exemplo das outras cidades. Passamos três dias acampados diante do lugar. Em seguida, fomos para Saint-Florentin, cujos habitantes se submeteram totalmente; não ficamos lá por muito tempo.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Tais considerações os levaram a deliberar se deveriam se defender ou se submeter. Todos se inclinaram pela última opção; os ingleses e os próprios borgonheses, apavorados com a mera menção de meu nome, votaram pela rendição. A guarnição obteve permissão para se retirar com seus prisioneiros. Quando soube dessa cláusula do acordo, fui até a porta pela qual eles passariam. Assim que os vi, disse a eles:

– Em nome de Deus, vocês não levarão esses prisioneiros!

Fiz a coisa de tal forma, que eles não obtiveram nem o resgate.

Os habitantes da cidade, prevenidos contra mim, enviaram ao meu encontro o irmão Richard, célebre pregador, para me dizer que ninguém acreditava que fosse enviada por Deus. O irmão, que temia ter que lidar com uma possuída, aproximou-se de mim, fazendo o sinal da cruz e espalhando água benta; ao ver isso, disse-lhe rindo:

– Pode se aproximar sem medo; eu não vou voar.

Às oito da manhã, entrei em Troyes; mandei alinhar os arqueiros ao longo das ruas onde o rei deveria passar. Carlos fez sua entrada às nove da manhã, com grande cerimônia, acompanhado pelos nobres e chefes militares. Troyes nos forneceu mantimentos em abundância. O rei designou oficiais para a cidade, para substituir os oficiais ingleses. Os moradores lhe prestaram juramento de fidelidade e nós partimos para Châlons-en-Champagne.

Quando os habitantes dessa cidade souberam de nossa chegada, despacharam um bispo e grande número de cidadãos importantes para prometer obediência total ao rei.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

não ganhará nenhuma batalha; que será uma pena derramar o sangue das pessoas que o senhor enviar contra nós. Há três semanas eu o avisei, por um arauto, para estar presente à sagração do rei, que será realizada na cidade de Reims hoje, domingo, dia 17 do presente mês de julho; mas, desde então, não obtive resposta, nem notícias do mencionado arauto. Recomendo o senhor a Deus e Lhe peço para mantê-lo sob Sua santa proteção, se for de Seu agrado. Suplico a Deus que Ele estabeleça uma boa paz entre o rei e o senhor. Escrito na mencionada localidade de Reims, no dia 17 de julho.

No endereçamento, estava escrito: “Ao duque de Borgonha”.

Às cinco horas da manhã, os marechais de Rais⁹ e de Boussac, Graville, mestre dos besteiros, e o almirante de Culant, que haviam sido nomeados pelo rei “reféns do Frasco Sagrado”, dirigiram-se à abadia de Saint-Rémy-de-Rheims para buscar o referido frasco e prestar o habitual juramento de trazê-lo de volta após a sagração. O abade, em trajes cerimoniais, acompanhado de seus religiosos, levou-o então até a catedral, sob um dossel de veludo e seda, carregado por quatro religiosos. O arcebispo veio recebê-lo à porta e o levou, respeitosamente, até o altar-mor. Eu assisti à cerimônia segurando meu estandarte, pois tinha lugar de honra em todas as cerimônias da sagração. Quando estas terminaram, atirei-me aos pés do rei, suplicando-lhe que me deixasse

9. Este marechal de Rais não era outro senão aquele a quem o assassinato de suas sete mulheres havia conferido uma celebridade tão estranha que ainda subsiste hoje nas lendas de Perrault: o Barba Azul. (N.A.E.)



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

de ameaça que julguei perceber nos avisos dos santos me levaram a pedir ao rei, mais uma vez, permissão para ir embora. Ele estava à mesa; atirei-me a seus pés, banhada em lágrimas, suplicando-lhe que me permitisse regressar a Domrémy, para junto de meus pais e de minha irmã. Vendo-me nesse estado, quase todos os que estavam presentes não conseguiram deixar de chorar; o próprio rei quase não conseguiu segurar suas lágrimas. Ele me levantou então, com bondade, dizendo-me que meu pedido o afligia extremamente, mas que, entretanto, examinaria, juntamente com seus conselheiros, a possibilidade de atendê-lo.

Sua resposta não demorou: uma ordem para ficar. As considerações que a ditaram foram, primeiramente, que minha presença e minhas palavras decidiam os acontecimentos. E em segundo lugar, a convicção que tinham os soldados de que seriam invencíveis enquanto eu estivesse com eles; o inimigo nos cedia a vitória sem derramamento de sangue.

Mas qual não foi minha surpresa, quando, ao entrar em casa, reví os três santos, que me esperavam. Santa Catarina, que eu considerava como uma espécie de protetora particular, disse-me com tristeza:

– *A entrevista que tu vais ter com o rei (ele me dissera para encontrá-lo no dia seguinte) terá para ti as conseqüências mais funestas, se não seguires nossos conselhos. O rei desenvolveu por ti uma paixão criminosa, que é preciso que tu rechaces. Ela não é durável, pois tua ausência a faz desaparecer. Quanto às suas intenções, ele só quer te enganar. Lembra-te que o título de jovem virtuosa é mais nobre e mais digno de inveja do que o de amante de um rei.*



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Château-Thierry, Provins, Couoummiers, Crécy-en-Brie etc., designaram alguns de seus notáveis para apresentar sua submissão ao rei. Carlos nomeou oficiais para Laon, que os moradores acolheram com prazer.

Depois de curta estada em Soissons, marchamos até Château-Thierry, de onde logo fomos para Provins. Os rumores desse avanço logo chegaram a Paris e consternaram os grandes da Inglaterra, que lá estavam. O duque de Bedford disse em voz alta que viria nos combater. O duque de Borgonha, pressionado pelo duque de Bedford, foi a Paris, onde participou de diversas conferências. O duque de Bedford, temendo que os parisienses se sublevassem em favor de Carlos, fez ouvir das tribunas mais declarações e injúrias contra os armanhaques (era o nome dado aos partidários do rei). O tratado entre o delfim que se tornara rei e o duque de Borgonha foi lembrado, assim como a morte de Montreau, para tornar Carlos mais odioso aos parisienses.

Perante uma grande assembléia, o duque de Borgonha renovou suas queixas e protestos, que arrancaram diferentes murmúrios da platéia. O duque de Bedford tomou a palavra e impôs silêncio. Em seguida, perguntou às pessoas se estas estavam dispostas a manter sua fidelidade ao rei da Inglaterra, mediante a obediência ao duque de Bedford, regente da França, e a fidelidade ao duque de Borgonha. Os presentes foram instados a levantar a mão em sinal de concordância, o que fizeram, quase todos contra a vontade. O duque de Borgonha reiniciou então sua viagem a Flandres, prometendo trazer tropas em socorro dos ingleses.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

em seguida, que os ingleses estavam começando a atravessar o pequeno rio. A passagem era tão estreita que só permitia o deslocamento de dois cavalos de cada vez. O rei alinhou suas tropas em formação de batalha e fomos de encontro aos inimigos, que esperávamos surpreender. Todos já tinham atravessado o rio. Logo os dois exércitos estavam separados por apenas três quartos de légua. Todo o dia se passou em combates, onde não perdemos muita gente. Ao pôr-do-sol, os inimigos se retiraram para a margem do rio e nós acampamos em Montpilloi.

No dia seguinte, já com o dia claro, o rei dividiu seu exército em três corpos principais. Os comandantes do corpo de batalha eram o duque de Alençon e o conde de Vendôme; os da ala direita eram os duques de Bar e de Lorena; e os da ala esquerda eram os marechais de Boussac e de Rais. Eu estava à frente de um destacamento encarregado de iniciar a batalha, com D'Albret, o Bastardo de Orléans, La Hire e Xaintrilles. Os comandantes dos arqueiros eram o senhor de Graville, mestre dos besteiros da França, e Jean Foulcault, cavaleiro de Limousin. O rei, acompanhado de La Trémoille e de seus guardas, percorria as fileiras com uma audácia e uma coragem dignas de seu nome e de sua posição, entusiasmando os soldados.

Os ingleses logo chegaram e se alinharam em formação de batalha, segundo seu costume; ou seja, entrincheirando-se atrás de estacas e paliçadas. O rei, aconselhado pelos nobres, queria atacar os inimigos, que haviam passado a noite fortificando seu campo, situado em posição vantajosa; mas os comandantes lhe expuseram veementemente a imprudência dessa empreitada, o que o fez optar por esperar os inimigos. Nós nos aproximamos



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

de Montmartre, Aubervilliers e La Chapelle, pequeno vilarejo a meio caminho entre Paris e Saint-Denis. Ocupei este último, com os duques de Alençon e de Bourbon, os condes de Vendôme e Laval, os senhores de Rais e Boussac, e outros, que seria muito demorado relacionar. Os generais, baseados em falsos relatórios, esperavam que, com o ataque à capital, fariamos com que os habitantes se sublevassem em nosso favor.¹³ O ataque foi marcado para o domingo, dia 8 de setembro, dia da natividade de Nossa Senhora. Quando esse dia chegou, o exército, comandado pelo duque de Alençon, o conde de Clermont e o senhor de Montmorency, aproximou-se da porta de Saint-Denis para que os ingleses acreditassem que iríamos atacá-los por esse lado. Nesse meio tempo, um destacamento, comandado pelos marechais de Rais e de Boussac, atacaram a porta Saint-Honoré. Os inimigos tinham erguido uma barricada em frente à muralha do mercado dos porcos (bairro da Butte-Saint-Roch); nós a tomamos em pouco tempo. Os bispos de Thérouenne, Isle-Adam, Créquy e Bonneval acorreram para nos repelir. Muitos tinham se vangloriado, como disse acima, de que os partidários do rei levantariam o povo no momento do ataque. Como essa esperança não se concretizou, falou-se em retirada. Acostumada a vencer, recusei-me obstinadamente a

13. Algumas pessoas me acusaram de ter sido a causadora deste movimento imprudente; mas, desde a sagração, eu tinha a firme convicção de que minha missão fora cumprida, o que me fazia abster, desde então, de combater as opiniões e as decisões do conselho, como fazia antes. Aliás, outras razões me tolhiam; os serviços que prestara ao rei e a consideração que eu usufruía tinham despertado inveja; tomei então a decisão de não mais dar conselhos e me limitava a encorajar, por palavras e ações, o exército real. (N.A.E.)



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

fizemos uma abertura na muralha. Encorajei os sitiantes com minhas palavras e meu exemplo; mas os inimigos se defenderam vigorosamente e nos rechaçaram. Mas eu não conseguia me decidir a abandonar o ataque. Jean Dolon, que, como já disse no início desta história, fora especialmente encarregado pelo rei de me proteger, assim como Luís de Comtes, veio me convencer a retornar ao acampamento. Estava cercada por seis homens, que não quiseram me deixar sozinha. Apesar de tudo o que ele disse, retruquei que não abandonaria meu posto sem haver terminado o trabalho. Jean levou essa notícia ao acampamento, onde ela inflamou as tropas com uma nova coragem, quer lhes ferindo o orgulho, quer as fazendo temer represálias por me deixarem só. Os inimigos não esperavam esse segundo ataque e conquistamos a cidade, depois de superarmos uma fraca resistência. Os comandantes que estavam comigo queriam atacar Charité-sur-Loire. Fui com eles, mas fracassamos totalmente.

Os ingleses da guarnição de Melun haviam se ausentado temporariamente para pilhar as cercanias. Quando voltaram, encontrando as portas fechadas, foram até Corbeil e, convocando as guarnições das cidades circundantes, para ajudá-los, postaram-se diante dos muros de Melun. Eu estava na cidade. Assim ajudei Jean Foulcault e outros comandantes, que lá estavam, a rechaçar o inimigo. Estava perto dos fossos, quando as santas me apareceram e disseram:

– *Joana, antes da festa de São João, tu cairás em poder dos teus inimigos. Mas submete-te à vontade de Deus. Ele irá te amparar nas provações que te aguardam.*



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

minha armadura. O duque de Borgonha veio me ver e me falou longamente de assuntos banais; depois retornou aos alojamentos, com seu pessoal.

Lyonnel logo me cedeu a Jean de Luxemburgo, conde de Ligny, mediante uma soma em dinheiro. Dois dias após minha captura, quinta-feira 25 de maio de 1430, Luís de Luxemburgo, bispo de Thérouenne, chanceler da França nomeado pelo rei da Inglaterra, recebeu cartas de seu irmão, o conde de Ligny, que lhe informavam que eu estava prisioneira. O bispo ordenou que fossem organizadas festividades e fez cantar um *Te Deum* em Notre-Dame. A notícia da minha captura foi enviada a todas as cidades submetidas ao rei da Inglaterra.

O irmão Martin, vigário-geral da Inquisição na França, escreveu ao duque de Borgonha para intimá-lo a me colocar nas mãos da Inquisição, dizendo que havia forte suspeita de que eu cometera diversos crimes de heresia e que deveria ser julgada pelo seu tribunal; mas ninguém prestou muita atenção a essa missiva.

Poucos dias depois, Jean de Luxemburgo enviou-me ao castelo de Beaulieu. Quando fiquei sozinha em minha prisão, deixei-me cair sobre um banco e me desfiz em lágrimas. Logo minha cela foi inundada de luz; levantei a cabeça, que deixara tombar entre as mãos; vi Santa Catarina, que me olhava com seu doce sorriso; ela segurou minha mão direita, que prendeu afetuosamente entre as suas.

– *Joana* – disse-me ela –, *tem coragem; Deus te ajudará.*

Ao ouvi-la falar assim, pus-me de joelhos e lhe beijei os pés em sinal de respeito (esqueci de dizer que fazia isso sempre que



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Eles quase nunca me deixavam só; freqüentemente, uma delas passava a noite ao meu lado. Elas me proporcionavam todo o consolo possível em minha situação. Davam-me pano para costurar e linho para fiar, ocupações que me faziam lembrar os humildes trabalhos de minha infância e contribuía para me entreter. Para me compensar um pouco pela falta do prazer de um passeio, que me era proibido, elas me traziam flores do campo ou jovens pássaros que tiravam de suas mães chorosas. Mas essas mesmas atenções me arrancavam lágrimas, lembrando-me da felicidade de ser livre. Pedia-lhes então que devolvessem os pequenos seres ao ninho que os vira nascer, imaginando com ternura a felicidade e a animação de seus pais e suas mães com a visão de seus filhinhos tão queridos. De vez em quando, elas me rogavam, cheias de deferência para não aumentar minha dor, que usasse roupas apropriadas ao meu sexo, sabendo que esse era a principal peça de acusação, e mesmo a única, que podiam lançar contra mim. Mas minhas santas protetoras, cuja solicitude nunca faltou, nem por um instante, impediam-me de ceder a essa insistência. Em vão minhas nobres hospedeiras me ofereciam indumentárias de meu sexo, que achavam que iriam me agradar. Pensavam, talvez, que as que me tinham mostrado antes não eram de meu gosto; eu recusava com amabilidade, mas com firmeza, dizendo-lhes que não deixaria de usar as roupas masculinas sem a permissão de Deus, que me fizera usá-las para que eu corresse menos perigo em meio a homens grosseiros e corrompidos, que me circundavam desde que saíra da casa de meu pai. O conde de Ligny autorizou sua mulher e sua irmã a me cercar de cuidados. Por vezes, ele me enviava,



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ainda mais o ódio de meus inimigos, que o descarregavam em todos os que se interessavam por mim, mesmo nos que guardavam um silêncio prudente. Uma bretã, chamada Pierrone, foi queimada por ter afirmado que eu era boa e que tudo o que eu fazia era bem feito, aos olhos de Deus. Para que fosse punida com alguma aparência de justiça, alegou-se que ela havia blasfemado, dizendo que Deus lhe aparecia freqüentemente, vestido com uma longa vestimenta branca, coberta por uma túnica vermelha. Mesmo que ela estivesse cometendo o delito de mentir, bastaria que fosse internada em um hospício.

O conde de Ligny começou a vacilar; só foi contido pelos apelos de sua mulher, que se jogou a seus pés, por diversas vezes, para lhe suplicar que não me enviasse para a morte. Apesar dos cuidados que minhas nobres hospedeiras tomavam para me esconder as notícias, eu não deixava de tomar conhecimento delas. O que me causava mais sofrimento era estar impossibilitada de socorrer Compiègne. O desejo de levantar o cerco à cidade fora um dos maiores motivos de minha tentativa de evasão do castelo de Beaulieu. Meus inimigos se aproveitavam de minhas preocupações. Os guardas me davam, todos os dias, falsas informações, dando conta de derrotas dos franceses, ou de novas desgraças que teriam se abatido sobre eles. Vendo como isso me afligia, um deles chegou ao ponto de me dizer que todos os habitantes de Compiègne, a partir da idade de sete anos, seriam massacrados. Essa notícia me provocou uma dor tão grande que quase enlouqueci; muitas vezes eu gritava, em minha perturbação e agitação: Como Deus deixaria perecer as boas pessoas de Compiègne, tão fiéis a seu mestre?



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

e muitas outras cidades haviam permanecido sob domínio francês. Meus inimigos me ocultavam cuidadosamente essas notícias; mas os santos as contavam para mim e eu sentia mais alegria do que se tivessem anunciado minha libertação. Poton de Xaintrilles e seus bravos companheiros terminavam minha obra com dignidade, graças à sua bravura e à proteção dos Céus. Mas os ingleses me viram como a causadora de suas derrotas e sua raiva contra mim aumentou. Em altos brados, até os soldados mais rasos exigiam minha morte. Embora fosse sua prisioneira, eles me temiam tanto que se recusavam a participar de qualquer incursão, pensando que, enquanto eu vivesse, só poderiam obter derrotas. Os ingleses subalternos se comportavam como tiranos em relação aos franceses, que suportavam o jugo com impaciência. Tiravam as mulheres de seus maridos e as filhas, de seus pais; subtraíam de infelizes pais de família, muitas vezes, os frutos de seu trabalho, para dissipá-los em orgias. Nada se podia comparar à horrenda miséria dos franceses. Muitos procuravam no suicídio um remédio para os males, que eram mais terríveis que a morte. Mas, em sua grande maioria, tornavam-se escravos dóceis e covardes adutores de seus cruéis perseguidores. A Universidade de Paris, que tantas vezes dera exemplos de sabedoria, era então composta inteiramente desse tipo de gente. Essa instituição escreveu duas cartas no dia 2 de novembro; uma delas, dirigida a Pierre Cauchon, bispo de Beauvais, lamentava a lentidão deste, dizendo-lhe que, se ele tivesse agido com a presteza necessária, meu processo já teria começado; e que, longe disso, eu ainda nem estava em suas mãos. A carta terminava lhe fazendo um convite para me julgar em



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

CAPÍTULO 5



Meu processo custou muito dinheiro aos ingleses; além da enorme soma que gastaram para me obter, pagaram todas as custas; fizeram também pagamentos consideráveis a todos os que nele tomaram parte.

O bispo não podia exercer seu poder na diocese de Rouen sem o consentimento do capítulo investido da autoridade arquiépiscopal, já que a sede de Rouen ainda não fora ocupada. Então solicitou a autorização aos religiosos, que obtive sem dificuldade. Os documentos que lhe concediam território e jurisdição para instruir meu processo em toda a região da diocese foram redigidos prontamente.

Os documentos promulgados pelo menino-rei surgiram logo depois. Em seu nome, os conselheiros autorizavam que eu fosse levada a julgamento. Mas enquanto concediam ao bispo de Beauvais o direito de instruir o processo, juntamente com a



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

em um pequeno santuário florido, onde era depositada a imagem do Salvador do mundo.

Não havia nisso nada de repreensível. Cauchon decidiu então falsificar os depoimentos que compunham a investigação, que transmitiu à assembléia da maneira que achou melhor. Os assistentes decidiram que seriam redigidos alguns tópicos com as informações coletadas a meu respeito e com o que a voz do povo dizia sobre mim, para que a questão de minha inocência ou culpabilidade se tornasse mais fácil de resolver. O bispo fez algumas objeções a essa decisão; mas vendo que seus colegas não queriam mudar de opinião, resignou-se a seguir o voto da assembléia, com a intenção de influenciar os encarregados da redação dos tópicos. Ele estava confiante no sucesso de suas manobras e, realmente, os fatos que informara foram aceitos sem contestação, embora fossem apenas uma grosseira mistura de verdades e mentiras. O processo verbal, desde a primeira audiência, fora estranhamente alterado; entretanto, os juízes não denunciaram isso, por medo do bispo e dos ingleses. Tal deferência, com a qual ele não contava, encorajou-o de tal forma que não mais se deu ao trabalho de observar os procedimentos legais, que o embaraçavam.

Em uma terceira sessão, os juízes assistentes foram de opinião que o bispo deveria proceder a uma instrução preparatória. Eis o que provocou esse pedido extraordinário: um homem chamado Nicolas Bailly fora encarregado de coletar as informações. Ele transmitiu ao bispo os fatos relatados acima, que deles se serviu como se sabe. Bailly teve oportunidade para conversar com um dos juízes assistentes e lhe falou da investigação que



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

para o qual se dirigiam todos os seus esforços. Assim que saiu, repetiu tudo o que eu lhe confiara ao bispo de Beauvais. Felizmente, as vozes haviam me proibido de revelar o segredo do rei. Aliás, o juramento que Carlos VII me obrigara a fazer, de nunca o revelar, era suficiente para me impedir de fazê-lo, mesmo abrigada pela confissão.

Jean Le Maistre, vice-inquisidor da diocese de Rouen, recusou-se a tomar parte no processo. Cauchon queria a todo custo que ele não ficasse de fora, esperando fazer de sua presença uma salvaguarda para o futuro. Em uma nova sessão, explicou aos juízes assistentes quanto a presença de Jean Le Maistre poderia ser útil, e pediu que o chamassem. Eles concordaram e a assembléia foi suspensa, para se reunir algumas horas mais tarde. O vice-inquisidor compareceu, apesar de toda sua repugnância; apresentou suas credenciais e disse, para se eximir de tomar parte no processo, que não poderia fazê-lo, visto que seus poderes não se estendiam a ponto de dirigir um processo pertencente à diocese de Beauvais, embora instruído em Rouen. O bispo suspendeu a sessão, para se aconselhar com algumas pessoas sobre essa dificuldade. Em nova reunião, Cauchon disse que as pessoas que consultara lhe haviam garantido que o vice-inquisidor poderia agir de comum acordo com ele; mas que antes seria preciso que ele, bispo de Beauvais, escrevesse ao inquisidor Jacques Graverand, convidando-o para trabalhar no processo, ou, pelo menos, para designar alguém para agir em seu nome. Jean Le Maistre respondeu que consentia que o bispo instrísse sem ele, visto que achava que não poderia trabalhar sem autorização. Isso fez com que, durante alguns dias,



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

de direito; Jean Mahomet; Bertrand du Chesne, doutor pela faculdade de direito; Ledoux, graduado em direito civil e canônico; Pierre Carré, graduado pela faculdade de direito; Guillaume Erard, doutor em teologia; Guillaume Thouroude, abade de Mortemer, doutor em teologia; Jean Brullol, graduado pela faculdade de direito e cônego da igreja de Nour; Guillaume Hayton, bacharel em teologia, Guillaume de Mesle, abade de Saint-Ouen; Nicolas Médicis, italiano, bacharel em teologia; Jean Pichon, graduado em direito, arqui-diácono de Josas e cônego de Paris; Jean Tonnelier; Jean Guérin, doutor em teologia; Robert Barbier, graduado pela faculdade de direito e cônego da igreja de Rouen. Eustache Cauteleu; Guillaume, abade de Compiègne, doutor em direito; Robert Morel, cônego da igreja de Rouen; Eustache Cauteleu; Guillaume, abade de Compiègne, doutor em direito; Robert Morel, cônego da igreja de Rouen; Jean de Quesmin, licenciado pela faculdade de direito; Jean Maugier, doutor em teologia; Guillaume Adelit, doutor em teologia; Jean-Nicolas de Roux, abade de Jumièges, doutor pela faculdade de direito; Aubert Morel, graduado em direito canônico; Renault, o jovem; Guillaume de La Chambre, graduado pela faculdade de medicina; o abade de Saint-Georges; Nicolas Houppesville; Jean de Wibot, doutor em teologia; Jean Bonnesque, doutor em teologia, capelão da abadia de Fécamp; Guillaume Le Grant; Guillaume de Baudrebois, bacharel em teologia; Girard de Fray; Jean Le Vautier; Guillaume du Désert, cônego de Rouen; Jean Boucher, doutor pela



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

mais conhecida como *A Donzela*, capturada e presa em nossa diocese de Beauvais pelo muito cristão e sereníssimo príncipe nosso senhor Rei da França e da Inglaterra, como fortemente suspeita de heresia, para que façamos contra ela um processo em matéria de fé; ela nos foi vendida e enviada, conduzida e entregue; e nós soubemos da fama dos fatos e gestos por ela realizados em detrimento de nossa fé, não somente no reino da França, mas em toda a cristandade; após sermos diligentemente instruídos por informações e auxiliados pelo conselho de pessoas capacitadas, querendo proceder com maturidade nesse assunto, ordenamos que a referida Joana seja convocada, intimada e informada das acusações contra ela, assim como dos interrogatórios que lhe serão feitos no tocante à fé. Por este motivo, ordenamos a cada um de vós, de modo que um não tenha que esperar pelo outro, que citeis em termos peremptórios, diante de nós, na capela real do castelo de Rouen, na quarta-feira, dia 21 do presente mês de fevereiro, de manhã, a referida Joana, da qual suspeitamos fortemente de heresia, para que ela responda a verdade sobre os mencionados tópicos, interrogatórios e outros pontos em que a temos sob suspeita, e para que seja feito por nós o que é justo e de acordo com a razão, com a intimação de excomunhão se ela não comparecer diante de nós nesse dia; e rogamos que nos relateis fielmente, por escrito, o que será feito por vós e na vossa presença, por ocasião da execução de nossas ordens. Ditado em Rouen, sob nossa chancela, no ano do Senhor de 1430, terça-feira, 20^o dia do referido mês de fevereiro. Assim assinado: G. Boys-Guillaume. G. Manchon.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

– Você não é chamada de Donzela?

– Sim.

– Os armanhaques acreditam que você seja virgem; você é realmente?

– Sim.

– Para acreditarmos em você, seria preciso outro testemunho.

– Você não quer acreditar em mim? Está bem! Faça com que eu seja examinada por mulheres; mas que sejam capazes e honestas; é tudo o que lhe peço.

O bispo deliberou com seus colegas e minha proposta foi aceita por unanimidade. Entretanto, ficou decidido que pediriam a opinião do duque de Bedford; o bispo achou prudente consultá-lo, sabendo a importância que tinha minha virgindade. Já expliquei por que várias vezes, não há necessidade de repetir as explicações.

– Onde você nasceu?

– No povoado de Domrémy, dependência de Greux, onde se encontra a principal igreja.

– Como se chamam seu pai e sua mãe?

– Meu pai se chama Jacques D'Arc e minha mãe, Isabeau.

– O que eles fazem?

– Meu pai é lavrador; ele cultiva seus campos com a ajuda de meus irmãos. Minha mãe cumpre os deveres de uma boa mãe de família. Para conhecer a reputação deles, basta que o senhor vá a Domrémy. Todos lhe dirão que Deus e o rei não têm melhores servidores.

– Como eles cumprem seus deveres religiosos?



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

CAPÍTULO 6



Os juízes assistentes se permitiam sempre interromper o bispo para me fazer perguntas sobre assuntos diferentes do que era objeto de meu interrogatório. Como muitas vezes falavam todos juntos, eu não sabia a quem escutar. Em vão lhes solicitava que falassem uns após outros; em vão lhes suplicava para terem pena de mim. Eles falavam de forma tão confusa que não mais compreendiam a si mesmos, o que encurtava os interrogatórios propriamente ditos; as repetições e as perguntas desnecessárias tomavam boa parte do tempo. Nessa primeira audiência, fui interrogada sobre as aparições; não pelo bispo, mas pelos doutores. Como me falavam ao mesmo tempo, com cada um me perguntando alguma coisa diferente, não respondi nada; deixei-os discutir uns com os outros sobre a ordem de preferência que as perguntas mereceriam, para decidir qual delas eu deveria responder primeiro. Cada um



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

– Joana – disse-me ele –, nosso reverendo padre, o bispo, vai interrogá-la sobre as aparições; o que você vai lhe dizer?

– As santas me disseram para falar corajosamente.

Ao me ouvir falar assim, ele sacudiu a cabeça e me disse que eu seria prejudicada, caso seguisse o conselho.

– Então o que você quer que eu faça? – perguntei um pouco impaciente.

– Você também contará sobre as aparições?

– Vou negá-las? Eu não faria isso, nem que me matassem.

– Mas você está bem certa de ter visto o que diz?

Essa pergunta não poderia ter sido mais inoportuna.

– Você pensa que sou maluca? – perguntei-lhe.

– Eu não disse isso para irritá-la; mas você sabe que tem uma imaginação ardente, um temperamento exaltado...

Como ele viu que eu o olhava de lado, achou prudente não insistir mais no assunto. Fez-me, como na véspera, uma série de perguntas, fornecendo, para cada uma delas, a resposta que eu deveria dar. Quando terminou, eu disse:

– Você acha que vou dizer isso?

– Por que não?

– Você pensa que vou dizer o que não é verdade? Agradeço a sua boa intenção. Mas, sem querer ofendê-lo, vou seguir conselhos melhores que os seus.

Como soavam as oito horas, ele me disse:

– Vou embora, mas tome cuidado. Amanhã eu volto.

Ele saiu, enquanto Jean Massieu entrava, para me conduzir ao tribunal. Assim que apareci, o bispo me intimou a jurar dizer a verdade acerca de tudo.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

- Sim.
- O quê?
- Que seria necessário que eu viesse à França.
- Sob que forma essa voz aparecia para você?
- Eu não lhe direi isso desta vez; não tenho permissão para dizer isso.
- Você sempre escutava essa voz?
- Ela me dizia, duas ou três vezes por semana, que eu deveria partir para a França.
- Seu pai foi avisado de sua partida?
- Não, ele não soube nada.
- Por quê?
- A voz me apressava a partir; eu não podia mais permanecer onde estava e temia que meu pai se opusesse à minha partida.
- O que a voz lhe dizia?
- Que eu faria com que o cerco de Orléans fosse levantado e levaria meu rei a Reims, para receber a sagração.
- O que lhe disse a voz a respeito da execução de sua missão?
- Ela me disse para ir a Vaucouleurs, encontrar Robert de Baudricourt, comandante da cidade, pois ele me forneceria os cavaleiros que me conduziram ao rei. Eu respondi que era uma pobre menina, que não sabia cavalgar nem guerrear.
- Mesmo assim você obedeceu?
- Sim, pressionada pela voz, fui encontrar meu tio e lhe disse que queria passar alguns dias em sua casa. Fiquei lá cerca de oito dias; então lhe disse que teria que ir a Vaucouleurs e lhe



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

No dia 22 de fevereiro, Cauchon abriu a audiência me intimando a jurar dizer a verdade, simples e totalmente, sem nenhuma restrição, sobre tudo o que me fosse perguntado. Mantive minha recusa e pedi permissão para falar, que me foi concedida.

– O senhor pode perguntar certas coisas que não lhe direi. – Vendo que se preparavam para me interromper, apressei-me em prosseguir. – Pode acontecer que, em alguns assuntos, eu não lhe conte a verdade, sobretudo no que diz respeito às minhas revelações. O senhor me obrigaria a cometer perjúrio, dizendo certas coisas que jurei não dizer, o que pode não ser do seu interesse. O senhor – prossegui, dirigindo-me ao bispo de Beauvais – diz que é meu juiz; reflita bem sobre isso. Pois bem lhe digo que, na verdade, o senhor é meu inimigo pessoal. E a desgraça vai se abater sobre o senhor, se me julgar de acordo com sua tendência.

– O rei me deu ordem para conduzir seu processo e eu farei isso.

– Já jurei duas vezes diante do tribunal; parece-me que é o bastante.

– Você não quer jurar simplesmente e totalmente?

– O senhor pode muito bem suspender o julgamento. Já jurei duas vezes. Nenhum advogado de Paris ou de Rouen teria como me condenar. Eu poderia dizer a verdade sobre minha vinda à França, de boa vontade, mas não poderia dizer tudo; o espaço de oito dias não seria suficiente.

– Você será aconselhada pelos juízes assistentes para saber se deve jurar ou não.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

sobre ele. Gostaria que ele as soubesse; se as soubesse, ficaria mais feliz hoje, na hora de seu jantar.

– Você não poderia convencer essa voz a levar a notícia ao rei?

Essa pergunta escondia uma armadilha que eu desarmeiei na hora.

– Se fosse a vontade de Deus, Ele poderia revelá-la ao rei, eu ficaria bastante satisfeita.

– Por que essa voz não fala mais ao rei, como fazia quando você estava em sua presença?

– Não sei se essa é a vontade de Deus; se não é pela graça de Deus, eu não sei nem como agir.

– Seus conselheiros lhe revelaram que você vai fugir da prisão?

– Você acha que eu lhe contaria isso?

– A voz a aconselhou sobre como deveria responder às perguntas?

– Se me revelou, eu não entendi bem.

– Durante os dois últimos dias em que você ouviu a voz, apareceu alguma luz?

– Sim.

– Quando você ouve as vozes, vê alguma coisa junto com elas?

– Não vou lhe contar tudo. Aliás, meu juramento não inclui isso; a voz é boa e digna. Peço que me sejam entregues, por escrito, as perguntas a que não respondi.

– Esta voz, à qual você pede conselhos, tem um rosto e olhos?



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

de minha família, dizerem que as fadas conversavam naquele lugar. Eu me lembro de que minha madrinha, Jeanne Aubry, dizia ter visto as fadas; não sei se é verdade ou não; no que me diz respeito, não me lembro de ter visto fadas embaixo dessa árvore, nem em nenhum outro lugar. Vi as moças pendurarem buquês nos galhos; eu mesma fiz isso, de vez em quando, como as outras. Às vezes, elas deixavam os buquês nos galhos; às vezes os levavam. Quando soube que teria que ir para a França, participei desses passatempos o mínimo que pude. Desde que fiquei moça, creio que nunca dancei embaixo dessa árvore. Posso ter dançado lá antes, algumas vezes, com outras meninas; mas cantei mais do que dancei. Existe um bosque chamado Bois-Chesnu. Pode ser visto da casa de meu pai, que fica a pouco menos de uma légua de lá; nunca ouvi dizer que as fadas o freqüentassem. Quando vim para perto de meu rei, algumas pessoas me perguntaram se não haveria, na minha região, um bosque chamado Bois-Chesnu, porque algumas profecias anunciavam que uma jovem destinada a fazer coisas maravilhosas estaria perto desse bosque; mas não acreditei nisso.

– Você gostaria de receber roupas de mulher?

– Me dê uma, que a vestirei; mas só com a condição de ir embora daqui.

– Você sabe se está nas graças de Deus?

– Passe adiante. Já respondi bastante sobre isso.

– Você não fez isso de maneira positiva.

Obrigada a responder, disse:

– Se não estiver, que Deus queira me receber! Se estiver, que Deus queira me conservar! Pois seria a pessoa mais infeliz



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

– Como você sabe que são essas duas santas? Você distingue bem uma da outra?

– Eu sei bem que são elas e distingo bem uma da outra.

– Como você as distingue?

– Eu as reconheço porque elas se identificam ao me abordar; há muito tempo que elas se encarregaram de me conduzir.

– As santas estão vestidas com a mesma roupa?

– Não vou lhe dizer mais nada hoje; não tenho permissão para revelar isso; se o senhor não me acredita, mande chamar alguém de Poitiers; repito, há revelações que dizem respeito ao rei da França e não aos que me interrogam.

– As santas são da sua idade?

– Não tenho permissão para lhe dizer.

– Elas falam juntas, ou uma depois da outra?

– Não tenho permissão para lhe dizer isso; sempre recebo conselhos das duas.

– Qual delas lhe apareceu primeiro?

– Não as reconheci logo; eu já soube o que o senhor me pergunta, mas esqueci. Isso está escrito em Poitiers, em um registro. Também recebi a ajuda de São Miguel.

– Quem lhe apareceu primeiro?

– São Miguel.

– Passou-se muito tempo desde que você ouviu a voz de São Miguel pela primeira vez?

– Eu não disse que ouvi a voz de São Miguel; só falei de uma grande ajuda.

– Qual foi a primeira voz que você ouviu, quando tinha mais ou menos 13 anos?



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

– Você acha que, agindo assim, seguiu a vontade de Deus?

– Sim.

– Esse ataque de raiva não é contrário aos conselhos que nos dá Nosso Senhor?

– Ele não expulsou com pauladas os vendilhões do templo?

– Qual foi a bênção que você fez sobre a espada de Sainte-Catherine-de-Fierbois?

– Nunca fiz bênção nenhuma e não saberia fazer nenhuma.

– Você gostava dessa espada?

– Sim, porque foi encontrada na igreja de Santa Catarina, a quem amo muito.

– Você esteve em Coulanges-la-Vigneuse?

– Não sei.

– Alguma vez colocou a espada sobre o altar?

– Não que eu saiba; pelo menos nunca a coloquei lá para que fosse mais afortunada.

– Você nunca fez nenhuma oração para que a espada fosse mais afortunada?

– Seria bom! Teria desejado que todas as nossas armas fossem afortunadas.

– Você trazia a espada quando foi capturada?

– Já lhe disse que não; tinha uma espada que tirei de um borgonhês.

– Onde ficou essa espada, em qual cidade?

– Eu fiz a Saint-Denis uma oferta de uma espada e outras armas; mas não penso que tenha sido aquela a que o senhor se refere. Era uma espada que eu trazia em Lagny; fui com ela até



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

em uma torre onde ele não veria o Sol nem a Lua durante um mês. Mas o bom padre, apiedado da minha situação, que procurava amenizar o tempo todo, não se deixou atemorizar por essa pressão. D'Estivet, por várias vezes, veio se postar à porta da capela para impedir que eu me detivesse lá; depois denunciou Jean Massieu ao bispo, que expressamente proibiu o padre de me permitir parar diante da capela. Suportei com resignação e doçura essa nova provação, que me era muito penosa.

Meu novo interrogatório começou como os precedentes; o bispo exigiu um novo juramento, que no início me recusei a prestar; depois cedi, e o fiz nos mesmos termos que os anteriores. Jean Beaupère continuou a exercer suas funções.

– O que você diz de sua santidade, o papa, e quem você acredita que seja o verdadeiro papa?

– Existem dois?

– Você não leu a carta do conde de Armanhaque, que lhe perguntava a qual dos três soberanos ele deveria obedecer?

– Esse conde me escreveu algumas perguntas, às quais respondi, entre outras coisas, que quando eu estivesse em Paris descansando, ou em outro lugar, daria a ele uma satisfação. Eu estava montando a cavalo, quando escrevi essa resposta.

Então foram lidas as cartas do conde e as minhas. Em seguida, perguntaram-me se a cópia de minhas respostas estava de acordo com o original.

– Acho que, em parte, respondi assim; mas não na totalidade.

– Nela você disse que sabia, por informação do Rei dos Reis, em quem o referido conde deveria acreditar?



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

– Acho que não havia ninguém, embora houvesse muitas pessoas por perto.

– Você viu uma coroa sobre a cabeça de seu rei quando lhe mostrou as provas?

– Não posso lhe dizer isso sem quebrar um juramento.

– Que coroa o seu rei usava quando estava em Reims?

– Acredito que o rei ficou reconhecido em receber a coroa que encontrou em Reims; mas uma coroa muito rica, que foi trazida a ele, chegou depois de sua partida. Ele agiu assim para apressar as coisas, a pedido do povo de Reims, para quem ficaria muito caro sustentar os soldados durante muito tempo; se ele tivesse esperado, receberia uma coroa mil vezes mais rica.

– Você viu essa coroa mais rica que a outra?

– Não posso dizer isso sem quebrar um juramento; se não a vi, pelo menos ouvi dizer que ela é, pela graça de Deus, rica e opulenta.

No dia seguinte, sábado, trinta e nove assessores deixaram de assistir à audiência. Jean Le Maistre, vice-inquisidor, estava entre eles. Era repugnante para ele, assim como para a maioria dos doutores, tomar parte em um processo do qual não ignorava a iniquidade. A audiência foi aberta, como de costume. Depois que fiz meu juramento habitual, Jean Beau-père me interrogou:

– São Miguel tinha asas?

– Eu já lhe disse o que sei e não responderei outra coisa. Eu vi muito bem São Miguel e as santas, que sei que são santos do paraíso.

– Você viu os rostos deles?



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

– Não acha que eles fizeram mal, ao acreditarem que você era enviada por Deus?

– Se acreditam nisso, não estão enganados.

– Sabe qual o objetivo das pessoas de sua facção quando beijavam seus pés e suas vestes?

– Muita gente vinha me ver, de boa vontade; se beijavam minhas mãos, meus pés e minhas roupas, era contra a minha vontade. Os pobres acorriam a mim porque os socorria com todas as minhas forças.

– Como os habitantes de Troyes testemunharam que a respeitaram, quando entrou na cidade?

– Não fizeram nada. Penso que o irmão Richard entrou conosco em Troyes; mas não me lembro de tê-lo visto na entrada.

– Ele não fez um sermão sobre sua vinda?

– Não me detive em Troyes e não dormi lá. Quanto ao sermão, não sei de nada.

– Quantos dias você ficou em Reims?

– Acho que ficamos lá quatro ou cinco dias.

– Você não segurou crianças sobre pias batismais?

– Em Troyes, eu segurei uma; e duas em Saint-Denis. Em Reims e Château-Thierry, não me lembro. De boa vontade, dei aos meninos o nome de Carlos, em homenagem ao rei, e às meninas o nome de Joana; ou o que as mães quiseram dar.

– As boas mulheres da cidade não tocavam os anéis nos anéis que você usava?

– Muitas mulheres tocaram nos meus anéis; mas não sei qual era a intenção delas.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

doutores em direito divino e humano de recolher as confissões minhas que achassem convenientes; disse também que, para não cansar inutilmente um número excessivo de juizes assistentes, tinha a intenção de encarregar apenas alguns deles de estarem presentes aos interrogatórios. Então dispensou a assembleia, proibindo que todos os seus integrantes deixassem Rouen sem sua permissão antes do final do processo. Admitindo apenas dois ou três juizes assistentes aos meus interrogatórios, o bispo poderia selecionar partidários seus, enganando facilmente o restante da assembleia. Ele entendera que este seria o único meio que poderia nos conduzir: ele ao seu objetivo e eu à fogueira.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

– Você não tinha um brasão de armas?

– Nunca tive. Mas o rei concedeu um aos meus irmãos.

As insígnias são um campo azul com uma espada prateada, com cabo dourado e ponta para o alto, como pálio, flanqueada, em cada um dos lados, por uma flor-de-lis dourada, encimada por uma coroa da mesma cor. O rei as concedeu aos meus irmãos, sem que eu lhe pedisse e sem que fosse comunicada.

– Você tinha um cavalo quando foi capturada? Era um corcel ou um cavalo manso?

– Eu montava um corcel, quando fui capturada.

– Quem lhe deu esse cavalo?

– O rei. Seus homens o compraram com o dinheiro que ele lhes tinha dado para essa finalidade. Eu tinha cinco corcéis de batalha, que ele também me dera, e mais de sete cavalos de marcha.

– O rei não lhe deu outra coisa, além desses cavalos?

– Eu nunca lhe pedi nada, a não ser boas armas, bons cavalos e dinheiro para pagar meus homens.

– Você não tinha nenhuma fortuna?

– Os 10 ou 12 mil escudos que eu tinha não são uma grande fortuna; em tempo de guerra, é pouca coisa. Acho que estão com meus irmãos; tudo o que tenho de dinheiro pertence ao meu rei.

– Qual foi o sinal divino que você apresentou ao seu rei?

– Um sinal belo e bom.

– Por que você não quer dizer qual foi, logo você, que quis ver o sinal de Catherine de La Rochelle para acreditar nas palavras dela?



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

não tivesse tolhido seus bons sentimentos. Confirmando as declarações de Cauchon, ele encarregou algumas pessoas de me vigiar, em nome da Inquisição. Na terça-feira seguinte, foi realizada uma nova audiência. Prestei juramento e Jean de Fontaine prosseguiu o interrogatório.

– Explique o sinal que você deu ao seu rei.

O vice-inquisidor me perguntou se eu tinha prometido e jurado a Santa Catarina não revelar o sinal.

– Eu prometi e jurei não revelar o sinal e, por mim mesma, prometo não falar disso a ninguém.

Mencionando, como sinal, uma recepção em Chinon, percebi que apenas lhes fornecera novos assuntos para questões momentosas; mas tinha prometido a mim mesma não falar mais sobre o assunto. Por isso, declarei que não falaria daquilo a ninguém. O bispo de Beauvais recorreu então a uma ameaça que já me fizera falar, a contragosto. Disse-me que se me recusasse a responder sobre o sinal dado ao rei, seria condenada pelos crimes de que estava sendo acusada. Ao ser assim prevenida, minha recusa teria terminado o processo, abrindo-me o caminho até a fogueira. Foi para evitar que ele me fizesse essa ameaça, tanto quanto pelas razões explicadas acima, que eu tentara disfarçar a verdade sob alegorias obscuras, que teria dificuldade em explicar com clareza e que, além disso, não ofereciam nenhum interesse. O anjo de quem falo era São Miguel e também era eu. Não era por vaidade que me dava este nome; sabia, pelos padres, que o nome significava “enviado”, e eu era realmente uma enviada de Deus, de São Miguel e das santas. Como o bispo percebeu que eu hesitava em responder, repetiu sua ordem.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

lugar onde ele a conseguiu, eu deixo nas mãos de Deus; não sei mais do que isso.

– Essa coroa tinha cheiro bom, ela brilhava?

– Não me lembro, mas vou pensar sobre isso; ela cheira e sempre vai cheirar bem; espero que seja guardada como convém que seja.

– Como a coroa era feita?

– Era feita como uma coroa.

– O anjo escreveu cartas para você?

– Não.

– Que indicação o rei, as pessoas que estavam com ele e você mesma tinham de que se tratava realmente de um anjo?

– O rei acreditou por causa das pessoas da igreja que estavam lá, e pelo sinal da coroa.

– Como as pessoas da igreja sabiam que era um anjo?

– Por sua sabedoria e porque são clérigos.

– Ninguém lhe falou de um padre concubinário e ninguém lhe perguntou sobre uma xícara perdida?

– Não sei nada sobre isso, e nunca ouvi falar nada disso.

– Quando você esteve diante de Paris, foi por alguma revelação?

– Não, foi a pedido de um grande número de fidalgos que queriam fazer um combate com a intenção de entrar na capital.

– Foi por alguma revelação que você esteve diante de Charité?

– Não, mas a pedido de cavaleiros, como já lhe disse outra vez.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

me julgar mal e segundo sua tendência, o senhor vai se meter em grandes dificuldades e perigos. Estou avisando que Nosso Senhor vai castigá-lo com uma desgraça, pois não tenho nada a me censurar.

– Quais são essas dificuldades e perigos?

– Aquelas em que se metem todos os juízes parciais e injustos.

– Dizem respeito à alma ou ao corpo?

– À alma ou ao corpo, segundo a vontade de Deus, e às vezes às duas coisas. Pois eu lhe digo sinceramente: ser chamado a julgar os homens é uma responsabilidade pesada.

– Você acha que Deus permitiria que um inocente seja condenado?

– Deus não dirige os maus, mas recompensa cem vezes mais os que são condenados injustamente.

– Você acha que Deus seja justo, deixando morrer os inocentes?

– Tudo o que Ele faz é bem feito.

– Neste caso particular, você acha que é assim?

– Se os homens não concordam, a meu ver isso se deve ao fato de que seus espíritos são muito limitados para que eles possam fazer um bom julgamento. Deus está muito acima de nós para condescender em revelar os seus desígnios e projetos à nossa natureza fraca. Uma morte injusta abre as portas do paraíso; parece-me que perder a vida é muito pouca coisa em comparação à felicidade desfrutada junto aos anjos.

– Se é assim, admitindo que você seja inocente, por que você não se deixa condenar sem procurar se justificar?



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

– Vista uma roupa de mulher, simplesmente e totalmente.

– Me dê um vestido como o da filha de um burguês; quer dizer, uma capa, ou até mesmo um capuz de mulher, e eu a vestirei para ir à missa; mas lhe peço encarecidamente que me deixe assistir à missa sem tirar esta roupa. Meus motivos já são conhecidos, não preciso expô-los novamente.

– Você não quer se submeter e confiar nas determinações da Igreja a respeito das coisas que você diz e faz?

– Tudo o que fiz foi pela vontade de Deus; eu lhe asseguro que nunca quis dizer ou fazer qualquer coisa contra a fé cristã. Se fizesse ou dissesse algo contra ela, eu não defenderia, mas renegaria e rejeitaria isso.

– Você não quer se submeter ao que a Igreja ordena?

Achei que meus juízes entendiam por Igreja aquele tribunal particular, cujos poderes eles representavam. L'Oyseleur tinha contribuído muito para que eu acreditasse nisso. Então eu disse:

– Hoje não responderei mais nada sobre esse assunto; mas mande o escrevente²¹ me encontrar no sábado, se o senhor não quiser vir, e ele escreverá o que lhe responderei, com a ajuda de Deus.

– Quando suas vozes aparecem, você lhes presta testemunho de respeito, como são devidos a um santo ou a uma santa?

– Sim. Se falhei alguma vez, depois lhes perdi perdão. Eu lhes presto os maiores testemunhos de respeito que posso; pois acredito firmemente que são Santa Catarina, Santa Margarida e São Miguel.

21. O notário-escrevente Guillaume Manchon. (N.A.E.)



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

o julgamento, peço aos senhores da Igreja que me concedam a graça de uma mortalha; prefiro morrer a renunciar ao que o Senhor me fez fazer; acredito firmemente que Ele nunca me deixará afundar mais e que Ele logo me socorrerá, por milagre.

– Já que você diz que usa roupas de homem por ordem de Deus, por que pediu uma mortalha?

– Para mim, basta que seja longa.

– A sua madrinha, que viu as fadas, tem reputação de ser uma mulher boa e sábia?

– Ela é conhecida por ser uma mulher boa e virtuosa, que não é adivinha nem feiticeira.

– Você disse que vestiria roupas de mulher se deixassem que você fosse embora; isso agradaria a Deus?

– Se me mandassem embora com as roupas de mulher, eu tornaria a vestir as roupas de homem, se fosse a vontade de Deus.

– Qual é a idade de Santa Catarina e Santa Margarida e quais são as roupas que usam?

– Eu já lhe respondi isso, como pude, e o senhor não vai tirar mais nada de mim sobre esse assunto.

– Você pensa que Santa Catarina e Santa Margarida amam os ingleses?

– Elas amam a quem Deus ama e odeiam a quem Ele odeia.

– Deus odeia os ingleses?

– Eu não sei se Deus ama ou odeia os ingleses; mas sei muito bem que eles serão expulsos da França, exceto pelos que morrerão, e que Deus dará a vitória aos franceses contra os ingleses.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Allan Kardec

O Evangelho Segundo o Espiritismo

ALLAN KARDEC

Contendo a explicação dos ensinamentos mais do Cristo, em concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas...

O Evangelho Segundo o Espiritismo

O livro espírita mais vendido agora disponível em moderna tradução: linguagem acessível a todos, leitura fácil e agradável, notas explicativas.

Disponível em três versões:

- **Brochura** (edição normal)
- **Espiral** (prático, facilita seu estudo)
- **Bolso** (fácil de carregar)

O Livro dos Espíritos

ALLAN KARDEC

Contendo os princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, os seus males, a vida presente, a vida futura e o futuro da humanidade, segundo os ensinamentos dados...

O Livro dos Espíritos

Agora, estudar o Espiritismo ficou muito mais fácil. Nova e moderna tradução, linguagem simples e atualizada, fácil leitura, notas explicativas.

Disponível em três versões:

- **Brochura** (edição normal)
- **Espiral** (prático, facilita seu estudo)
- **Bolso** (fácil de carregar)

O Livro dos Médiuns

GUIA DOS MÉDIUNS E DOS EVOCADORES
ALLAN KARDEC

Contendo o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o estabelecimento da mediunidade, os obstáculos e as tentações que se podem encontrar no prática do espírita, em continuação de O Livro dos Espíritos.

O Livro dos Médiuns

Guia indispensável para entender os fenômenos mediúnicos, sua prática e desenvolvimento, tradução atualizada. Explicações racionais, fácil entendimento, estudo detalhado.

Disponível em duas versões:

- **Brochura** (edição normal)
- **Espiral** (prático, facilita seu estudo)

Coletânea de Preces Espíritas

Verdadeiro manual da prece. Orações para todas as ocasiões: para pedir, louvar e agradecer a Deus. Incluindo explicações e orientações espirituais.

- **Edição de Bolso**

Coletânea de Preces Espíritas

ALLAN KARDEC

Leia e recomende!

À venda nas boas livrarias espíritas e não-espíritas.

JOANA D'ARC



POR ELA MESMA

Condenada pela Inquisição, Joana D'Arc – a virgem de Domrémy, médium e heroína da França –, martirizada na fogueira, ganhou as alturas celestiais. Neste livro, moderna edição de um clássico do Espiritismo, por intermédio da médium Ermance Dufaux, jovem colaboradora de Allan Kardec, a guerreira de outrora retorna até nós para revelar todos os lances de sua incrível epopéia. Seu relato inicia-se ainda no período da infância, quando, no despertar da mediunidade, ouviu pela primeira vez os espíritos que depois a conduziram à glória. Joana descreve seus encontros com o rei da França, sua luta nos campos de batalha, a trama infame que a levou à prisão, o julgamento, a injusta condenação, o assédio e o martírio a que foi cruelmente submetida. **Joana D'Arc por ela mesma**, psicografado por Ermance Dufaux, é um livro inesquecível, retrato fiel de uma mulher capaz de grandes feitos heróicos, mas que nunca perdeu a feminilidade, mesmo depois de empunhar a espada com todas as forças da alma para defender seu ideal de fé.

ISBN 978-85-7253-170-2



9 788572 531702



petit[®]
editora



Sinônimo de bons livros espíritas

www.petit.com.br | petit@petit.com.br

